



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 60/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

O PAPEL DOS BANCOS

Há uma ou duas semanas, Leonardo Boff escreveu um artigo indagando se todas as medidas decididas ou discutidas na recente reunião do G-20 não seriam senão mais uma cartada do sistema (capitalista) para se refazer da crise e, renovado, recomeçar novo ciclo. Na própria pergunta do título estava evidentemente a resposta.

Não vou discordar deste grande brasileiro: é óbvio que o capitalismo sobreviverá e reiniciará um novo ciclo. Por uma razão fundamental: a maioria da humanidade ainda o quer, todo mundo ainda suspira pelo melhor nível de consumo e quer uma chance de ficar rico montando um bom negócio; até a China, ainda socialista, está cada vez mais atraída pelo fascínio do consumo: as ruas largas de Beijing, quando a visitei há vinte anos, eram um mar de bicicletas margeado por prédios de seis andares; agora se tornaram um mar de automóveis cercado de arranha-céus de 30 andares. E as reservas cambiais chinesas estão todas em títulos do governo americano: a falência de um seria a bancarrota do outro e vice-versa.

Então, o capitalismo vai subsistir e reiniciar um novo ciclo. Só que a crise criou uma contenda nova: não mais aquela do capitalismo versus o socialismo real, também chamado correntemente comunismo, implantado necessariamente por uma revolução armada liderada pelos esclarecidos, seguida forçosamente de uma ditadura, dirigida em nome dos interesses da maioria do povo mas contra a vontade dessa maioria. E ditadura a gente sabe aonde chega, mesmo as bem-intencionadas.

Não; a nova contenda se instala dentro do capitalismo mas atinge seu coração: os bancos, o dínamo que recebe, acumula e recircula o capital. Pois bem, bancos podem ser do Estado?, eis a contenda. Bancos podem ser administrados como um serviço público? Podem estar submetidos a objetivos políticos, podem pertencer à coletividade e servirem aos seus interesses coletivos politicamente expressados e não aos lucros do capital, isto é, bancos podem ser bem administrados e submetidos à política, que é o âmbito das vontades populares?

A resposta brasileira é sim: BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica estão aí de prova. Ainda agora, esta semana, foram reconhecidos como instrumentos eficazes para superar a crise propiciando a retomada do crédito que os bancos privados recusavam porque seguem a lógica do capital e não do interesse público. O Banco do Brasil, exemplarmente, teve sua direção mudada por critérios políticos, para cumprir o papel de empresa pública.

O mundo inteiro está exigindo pelo menos uma fiscalização mais efetiva e eficaz sobre o sistema bancário, e essa interferência fiscalizadora não deixará de ser uma porta aberta para a intervenção mais inteira através da estatização. Esta expressão era recebida até há pouco como um palavrão, e hoje se começa a perceber que as economias de caráter misto, isto é, aquelas em que empresas públicas e privadas convivem no mercado, não apenas resistem melhor às crises como atendem melhor ao interesse público fora das crises. E o Brasil, mais uma vez, pode falar bem e dar lições ao mundo neste particular. Seu grande período desenvolvimentista, dos anos 40 ao início dos oitenta, quando foi campeão de crescimento, foi sustentado por uma economia nitidamente mista, onde as grandes estatais desempenharam papel decisivo, especialmente o grande banco estatal do desenvolvimento.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 60/2009
Contatos: secretaria@isb.org.br

Bem, esta é uma polêmica instalada pela crise que pode abrir veios importantes para mostrar riquezas consideráveis do socialismo que podem ser cultivadas em convivência com o capitalismo. O Presidente Sarkozy, da França (a França tem sempre desempenhado funções pioneiras e relevantes no cenário mundial) propôs ao G-20 um capitalismo mais cooperativo e solidário. São expressões espantosas num conclave capitalista, porque cooperação e solidariedade são locuções tipicamente socialistas, características mesmo, do socialismo. O paradigma do capitalismo é a competição individual no mercado; o paradigma do socialismo é a cooperação solidária dentro de um planejamento. Então, este capitalismo mais cooperativo e solidário de Sarkozy pode bem ser algo na direção de uma economia mista muito praticada no Brasil com excelentes resultados. Aliás, as duas figuras maiores da reunião G-20, sob o ponto-de-vista de novidade e criatividade de propostas, foram precisamente os presidentes do Brasil e da França.

Assim é que, mesmo na perspectiva mais realista e cansativa do artigo de Leonardo Boff, há sinais que podem ser interpretados em outra pauta, mostrando que talvez o novo ciclo da nova cartada do sistema capitalista contenha germes capazes de dar origem a organismos realmente novos, vivos e interessantes dentro do próprio sistema. E é justamente em torno do sistema financeiro que esta geração primorosa pode se dar: no próprio sistema internacional, o FMI, por iniciativa do Brasil, já estabeleceu novos critérios de financiamento para países mais pobres, levando em conta fatores e condições políticas e não apenas a rigorosa exigência do capital, como no passado. Enfim, há alvíssaras ecoando, para quem tem ouvidos dedicados ao tema. E o Brasil está aí para mostrar fatos e colaborar. Com a novidade de um líder especialmente adequado para esta oportunidade.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br